

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA ? - FUTURO
3 e 26 de Dezembro de 2024

THE TREE OF LIFE / 2011

(A Árvore da Vida)

Um filme de **TERRENCE MALICK**

Realização e Argumento: Terrence Malick / **Fotografia:** Emmanuel Lubezki / **Música Original:** Alexandre Desplat / **Montagem:** Hank Corwin, Jay Rabinowitz, Daniel Rezende, Billy Weber, Mark Yoshikawa / **Direcção Artística:** Jack Fisk / **Guarda-Roupa:** Jacqueline West / **Intérpretes:** Brad Pitt (Sr. O'Brien); Jessica Chastain (Sra. O'Brien); Sean Penn (Jack) Hunter McCracken (Jack adolescente) Laremie Eppler (R.L.); Tye Sheridan (Steve); etc.

Produção: Brad Pitt, Dede Gardner, Sarah Green, Grant Hill, Willian Pohlad para Cottonwood Pictures e Riverroad Entertainment / **Cópia:** 35mm, cor, legendada em português / **Duração:** 138 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Cannes, a 16 de Maio de 2011 / **Estreia em Portugal:** 25 de Maio de 2011

Eis o balanço feito por um rapaz (...)
quando começou a trabalhar com Dziga Vertov:
"Lembras-te como choraste ao descobrir
que duas imagens juntas podiam adquirir um sentido?"
Hoje a televisão inunda o mundo inteiro
de imagens desprovidas de sentido
e já ninguém chora.
In Le Tombeau d'Alexandre (1993) de Chris Marker

Afinal o mundo (ainda) não é um caso completamente perdido e desesperado.
Afinal, contra todas as probabilidades, ainda foi possível em 2011 sair de um estúdio americano um filme como este.
Regozijamo-nos, pois.
Porque mesmo que não se ame (e peso bem a palavra) este filme, não se lhe pode deixar de reconhecer pelos menos um (enorme) mérito: o de voltar a colocar na ordem do dia uma questão que desde os anos sessenta nem sequer se punha, a de que o cinema tinha – forçosa e obrigatoriamente - de ser uma história bem contada, a de que o cinema era apenas e só "entretenimento". O cinema – como qualquer outra arte – é (pode ser) isso, mas também pode ser, (simultânea ou paralelamente) isto.

Só vi este filme uma vez, e fui apanhado completamente de surpresa. Para além de saber que ia ver o opus 5 de Terrence Malick, não quis saber mais nada. Mas estou seguro que mesmo que o tivesse visto mais vezes o dilema que teria em falar ou escrever sobre ele seria tão grande, senão ainda maior.

Perante uma obra destas, perante a sua incomensurável beleza, a primeira coisa que se pede (ou melhor, se exige) ao espectador é que abra os olhos, ouvidos e todos os demais sentidos

(nomeadamente o do tacto, já que não me lembro de “sentir” num filme tanto as texturas, da pele, da pedra, dos tecidos) e deguste, desfrute o que vai ver e ouvir durante 138 minutos. E como se explica ou se comenta a beleza?

Quis o destino que poucas horas depois de ter visionado *The Tree of Life*, tenha sido agredido, inadvertidamente, por imagens televisivas de um frente a frente entre candidatos às próximas eleições, veio-me então à ideia a frase em epígrafe.

Porque aquilo que mais me maravilhou neste filme todo ele maravilhoso, talvez tenha sido a montagem, aqui entendida na sua função mais básica, ou seja colar uma imagem a uma outra que se lhe sucede e fazê-la acompanhar do som ou sons que a complementam.

Com efeito, em **The Tree of Life**, esse processo, aparentemente tão simples adquire um sentido tão mais belo e tão mais poético que por não ser gratuito, tem, como se diz na frase citada, um “sentido” ou um significado.

Ainda que, como escreveu João Bénard da Costa em **Como o Cinema era Belo**, a propósito de **Thin Red Line**, “(...) pode ser que não haja respostas que façam qualquer sentido, há um sentido que nos faz fazer perguntas”.

Essas perguntas são o caminho (o sentido) que a personagem da mãe fala no início do filme, como são as perguntas (e não as respostas) o caminho que Malick, como Job – cujo livro é o único texto bíblico expressamente citado no filme – escolheu.

E, embora se há coisa que este filme claramente não precisa é de pistas ou de dicas de outrem que não o próprio filme, não resisto a salientar uma: a do flash-back. Nunca um “flash” tinha ido tão “back”. Até à formação do Universo.

João Pedro Bénard